SUPPLEMENTO BURLESCO

AO N.º 2156 DO

PATRIOTA

Diga a *Lei* e o *Estandarte* o que quizerem, neguem o que lhe não fizer arranjo, porém o que ella e elle não pódem deixar de confessar, é que hoje é quarta feira, 3 de Setembro de 1851, dia de S. Eufemia, e que faz hoje 93 annos que deram em elrei D. José alguns tiros, e que no anno seguinte no mesmo dia foram proscriptos os jesuitas.

Ora, o que nós tambem não podemos deixar de affiançar, é que os Cabraes não foram incluidos no numero dos que atiraram ao rei, nem tão pouco descendentes delles, por que os Cabraes não são nobres, nem cavalleiros, são peões, e peões de pau ordinario, porém os terrões (delles) são fortes e diabolicos.

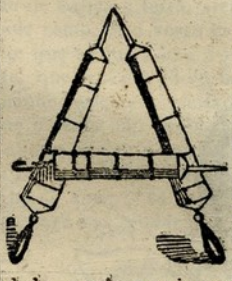
Estamos no mez em que começa o outono, calor immenso, chuva nada, o pão deve vir bem caro! Quem tem a culpa disto? São os Cabraes, por que nos deram um inverno rigoroso que durou 5 annos, e agora temos um verão monstro. Isto tambem é innegavel.

Agora veremos se a *Lei* e o *Estandarte* nos querem negar o facto de termos nós em Paris um padrinho, que deixou o ferro e o christal para se dedicar á escrevinhação, e mostrar no *Constitutionel* que estivemos no seu tempo a nadar em um Oceano de venturas (sem vintem) e hoje estamos reduzidos á mingua. E porque? O homem tem razão, já não ouvimos o rodar do seu caleche, seu mano José está damnado, o João não toca chocalho, os honestos teem ido passear; definitivamente estamos perdidos, e é por causa de tudo isto que as melancias este anno não são boas, e para mais provar a nossa miseria, veja-se como a *Lei* sonhou que no Porto havia febre amarella, e a *Lei* que o diz é porque o sabe. Nas Mercês já se ouviram as lamentações dos Portuenses, os gritos dos doentes, e o *miserere* dos padres que acompanham os cadaveres dos empestados. Mas por que será que os moradores do Porto nos dizem que é falso? Por que são demagogos, anarchistas, republicanos, Mazzinis, e revolucionarios!!

Ora o caleche do patrão da *Lei* é amarello, e é tal o desejo nestes amigos de vêr amarello, que já das Mercês se vê o amarello no Porto! O Porto não gosta de amarellos, e se por outra parte não rebentar o amarello, no Porto parece-nos impossivel.

Deos ainda mora na mesma rua, freguezia e bairro, onde morava ha 700 annos, e a sua misericordia hade-nos livrar de amarellos de todas as qualidades. Até das amarellas libras, que voaram para Thomar.

Meus amigos, amarellos andais vós, e bem amarellos, e cada vez mais; pareceis achacados de ictericia. O Burlesco sinceramente vos deseja as melhoras.



Regeneração e o *Paiz* dizem que o José, e mais outros que não são Josés, se juntam em Pedrouços para conspirar contra a situação. O José no seu *Estandarte* não responde, porém nós como amigos de esclarecer a verdade, e salvar os innocentes das falsidades que se lhe impõem, respondemos á *Regeneração* e ao *Paiz*:

Senhores, é falso irem alguns cavalheiros conspirar para casa do *Terceira* pessoa em Pedrouços; a verdade é esta: Vós sabeis que a feira de Belém está muito proxima, e nestas circumstancias deveis saber que o José tenciona pôr por sua conta barraca de queijadeira na dita feira, para entreter a Bernarda que deve estar ao balcão, e o José será o cobrador.

O sr. M. de....vai estabelecer na mesma feira um totulemonde, onde apresentará muitas vistas.

O exm.º sr.... põe barraca de iscas de figado, salada e vinho, por que é esta a sua quéda, e para o que tem geito.

S. ex.ª o sr.... quer ter dez barracas de quinquilherias, por que é um grande quinquilheiro.

O exm.º sr.... quer vender camoezes, peras passadas, nozes, avelãs e pinhões.

O muito exm.º sr.... venderá sebollas, alhos etc. etc.

Outros muitos cavalheiros querem vender agua, limonada de cavallinho, pastellinhos de Santa Clara etc. etc. etc.

Ora estes excellentissimos senhores precisam juntar-se para escolher o local para as suas barracas. Um magnifico engenheiro vai estender as suas *luzes* para marcar os terrenos; e para tudo isto se fazer precizam-se reuniões. Este é o motivo. Lá não se trata de conspirar, o negocio é todo de feira.

Desta fórma fica o *Estandarte* e a *Lei* desculpada de não responder ao *Paiz* e á *Regeneração*. Nós com muito gosto nos encarregamos de responder por elles. Esta é a verdade.

Queixam-se algumas pessoas de ser muito cara a entrada no Passeio para vêr a illuminação, porém se pensassem como nós, diriam que é baratissima. Foi-nos remettida a seguinte escalla dos preços, e por ella terão que é verdade.

Por ter o gosto de soccorrer os pobresinhos asylados	40
Por ouvir 200 musicos tocarem de uma vez, cousa nova entre nós	30
Por vêr os bazaares	10
Por figurar de janota, passeando por entre 3,000 pessoas	40
Por vêr o Passeio	40
Por vêr o tanque de noute, cousa que ninguem viu senão de dia	25
Por vêr o obelisco	25
Por vêr arder os balões	20
Por vêr os que não arderam	35
Por vir para casa tendo feito uma boa obra de caridade	15
Por vêr por dentro o que se não vê de fóra	35
Por estar no Passeio á noute	20
Por entrar no dito depois delle estar fechado alguns dias	30
Por vêr muita gente	15
Por mostrar que gastou o seu pinto	40
Por contar no dia seguinte o effeito da illuminação, e dizer: vi	20
Finalmente, por saber que o resultado é applicado para tão justo fim	40
Somma	480

Consta que alguem gastasse um pinto mais barato, e visse tanta cousa?

Lei que disse estar a febre amarella no Porto, não póde deixar de mostrar que descende do moxo de S. Bento e de outros agoureiros semelhantes. Em consequencia das noticias officiaes que desmentem as suas costumadas verdades, ficou com o pescoço torto, e com cara de farinha de milho sem melaço. A *Lei* já está acostumada a ouvir soar-lhe aos ouvidos a palavra = mente. = Ella bem sabe que mente, mas cada qual tem o seu systema. Esta é o seu officio, deve trabalhar por elle. Ensinaram-lh'o, e aprendeu bem, e breve.

DICCIONARIO DA LINGUA PORTUGUEZA.

(Continuação).

C.

CALECHE, subst. E' uma especie de carroagem puchada por dois animaes, que pódem ser cavallos, machos, egoas, mullas, cabralistas, etc. etc. E' uma cousa muito vulgar entre nós, e a que se dava a mesma consideração que se dá a um carrinho, carruagem, traquitana, etc. etc.; o seu preço varia segundo a sua qualidade. Tornaram-se celebres os caleches desde que em Lisboa appareceu um côr de febre amarella, e que pertencia a Antonio de *tomar*. Este foi, é, e hade ser o caleche que se viu, vê, e verá, por que apenas custou o incommodo de escrever uma portaria para uma commenda, o que talvez leve menos tempo e incommodo que escrever este pequeno artigo. A' sombra deste caleche e dentro delle se tem acoutado muito tratante e meliante.

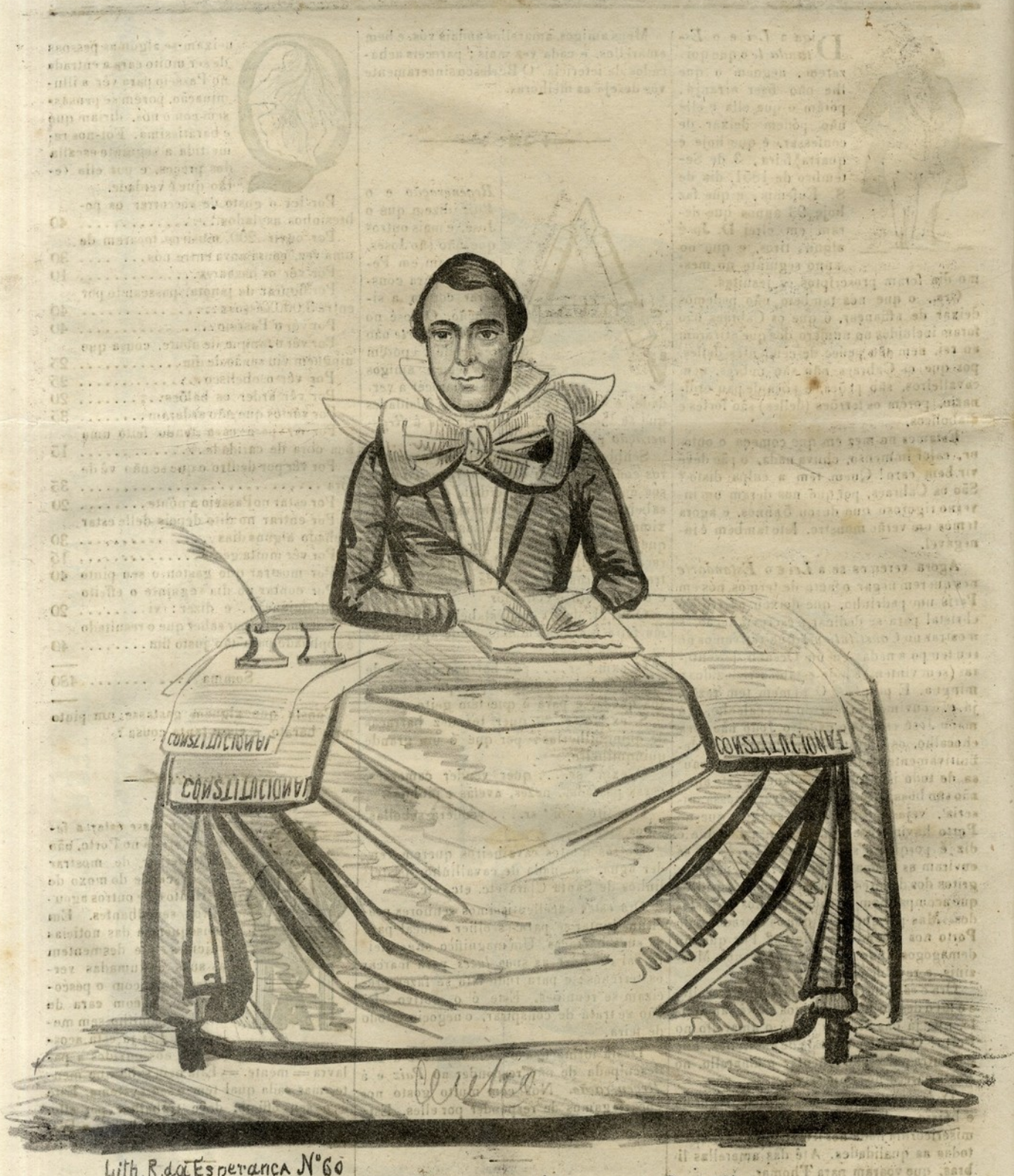
Este caleche trouxe a seu bordo e conduziu seu dono Antonio de *tomar* até ás regiões celestes, porém tambem foi quem contribuiu bastante para que elle fosse vender vinagre para Londres, e os machos ou urcos que o puchavam lamentam-se por não sentirem já no lombo o peso do selim, e a vergalhada do cocheiro. Por este motivo estão damnados, esfarrapados, colericos, e levados de mil diabos, esperando outra vez a occasião de entrarem na cocheira de S. Bento.

CAFURNA, subst. Casa terrea, escura, quente, cheia de têas d'aranha, bichos de conta, formigas, onde se juntam os bernardistas para tratarem da sua fazenda. Logar onde os irmãos se juntaram e fizeram as pazes para tratar de pôr fim á miseria em que está o paiz.

CALAMIDADE, subst. Chama-se calamidade a um fogo, um terramoto, uma peste, uma tempestade, uma desgraça fatal, um reinado de caleches, uma época de roubos, um tempo de concussões, etc.

RESPONSAVEL, MANOEL JESUS COELHO

Typographia de M. de J. Coelho
Rua do Poço dos Negros n.° 54.



Lith. R. da Esperança N°60

EMBAIXADA EM PARIZ